



**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

JOÃO DA ROCHA DANTAS NETO

VIVER A VIDA: a bofetada do preconceito

CAMPINA GRANDE – PB
2013

JOÃO DA ROCHA DANTAS NETO

VIVER A VIDA: a bofetada do preconceito

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, modalidade artigo científico, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Agda Aquino

CAMPINA GRANDE – PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CIA 01 – UEPB

D192v Dantas Neto, João da Rocha.

Viver a vida: a bofetada do preconceito.[Manuscrito]/ João da Rocha Dantas Neto. – 2013.

18f.:il.color

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2013.

“Orientação: Profa. Ms. Ágda Aquino, Departamento de Comunicação Social”.

1. Telenovela. 2. Preconceito. 3. Protagonista negra. 4. Viver a vida I. Título.

21. ed. CDD 791.456

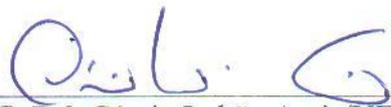
JOÃO DA ROCHA DANTAS NETO

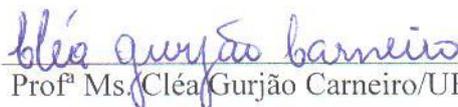
VIVER A VIDA: a bofetada do preconceito

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em **Comunicação Social com habilitação em Jornalismo** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em 03/09/2013.


Prof^ª Ms. Agda Patrícia Pontes de Aquino/UEPB
Orientadora


Prof.^a Dr.^a Cássia Lobão Assis/UEPB
Examinadora


Prof^ª Ms. Cléa Gurjão Carneiro/UEPB
Examinadora

Dedico a Valdecy Fonseca de Macedo, minha avó materna que sempre lutou juntamente com meus pais para que eu alcançasse meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus que mora no meu coração, que me conhece e me ama todo meu louvor, todo meu amor para agradecer as bênçãos, livramentos e vitórias recebidas até aqui. Foi tão complicado, tantas vezes me senti fraco, incapaz, quis desistir de TUDO e de todos, mas o Senhor esteve comigo sempre, até nas horas que eu pensei que estava sozinho. OBRIGADO PAI, EU TAMBÉM TE AMO.

Agradeço a toda minha família, principalmente aos meus pais e a vovó Valdecy por terem sonhado esse sonho junto comigo, por terem me dado condições de vislumbrar meu futuro. Tenho certeza que nada foi e será por acaso, creio que ainda darei motivos para se orgulharem muito de mim.

Meu apreço a Professora Robéria que me encaminhou e me ajudou nessa pesquisa e em tantas outras. Agradeço a todos os professores que passaram na minha vida, vocês contribuíram muito para o meu crescimento intelectual. Não posso esquecer o carinho especial que sempre recebi de Cássia Lobão, Cléa Gurjão, Maria Gracilene, Carlos Barros e Adriana Alves.

Não sei como agradecer a minha turma, não sei como vai ser viver sem a presença de todas essas pessoas tão indispensáveis na minha vida.

Aos queridos Felipe, Alan, João, Walter, Júlio, Emilson e Josias meu muito obrigado pela hombridade e amizade de sempre. Quanto a Alidiane, Mariana, Emmanuela, Suzi e Carina eu não tenho palavras para descrever, pois o que vem no meu pensamento é pouco, comparado ao que existe no meu coração. Se existe sentimento forte e verdadeiro nesse mundo é o que eu tenho por cada uma de vocês.

Aos que me ajudaram muito nesses quatro anos de curso: Tia Neide, Luciana, Flaviano e Ivanna, eu não tenho como retribuir à altura, mas eu confio que Deus o fará.

Em nome de minha querida Gracinha quero agradecer a todos os meus amigos de ontem e de hoje, de perto e de longe, também meus amigos virtuais, todos são muito importantes para mim, todos são essenciais na minha vida.

Finalmente agradeço a um ser muito especial que eu tenho um carinho imenso, um amor acadêmico inigualável, minha orientadora AGDA AQUINO. Meu muito obrigado, quero que saibas que sou muito feliz por ter te encontrado e agradeço aos céus todos os momentos de aprendizado, amizade e companheirismo que compartilhamos. Quero sempre te-la na minha vida.

“(…) Porque o documento que se escreve em nome do rei, e que se sela com o anel do rei, não se pode revogar.”

Et 8, 8

VIVER A VIDA: a bofetada do preconceito

DANTAS NETO, João da Rocha¹

RESUMO

Algumas telenovelas reconstróem o cotidiano social. Partimos do pressuposto de que as histórias minimizam a importância dos afrodescendentes nas tramas contemporâneas. Elegemos como ponto de observação do artigo uma cena da novela *Viver a Vida*, em que Helena, a protagonista negra, é julgada e humilhada por uma mulher branca. A sequência de imagens gerou discussões acerca da intolerância racial ainda existente no nosso país. Analisando e comparando as imagens com a de uma novela de época, encontramos nuances de preconceito de uma sociedade que ainda difere brancos de negros. Utilizamos os aportes teóricos de Joly (2012), Araújo (2010), Santana (2010) entre outros para embasar nosso estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Telenovela, preconceito, protagonista negra, *Viver a Vida*.

INTRODUÇÃO

As telenovelas são um fato cultural no Brasil. Nesses mais de 60 anos de teledramaturgia; artistas, autores e emissoras se consagraram junto a população brasileira. Segundo Sodré, (*apud* CAMPEDELLI, 1985, p. 16), “o conhecimento emanado pela televisão consiste num saber comum: todos veem as mesmas novelas ou assistem aos mesmos programas”. Desse modo, a TV Globo conseguiu com o passar dos anos monopolizar a audiência e se tornou a maior produtora de novelas do planeta².

Como mostra o nosso artigo, tanto a Globo, quanto outras emissoras disponibilizam papéis de pouco destaque a população afrodescendente do Brasil em suas produções. A escassez de apresentadores e atores negros é um problema que persiste ao longo dos anos. Os negros continuam recebendo os mesmos personagens em telenovelas, quase sempre sem muita expressão, personagens estes que muitas vezes só existem para compor a história.

Em poucos trabalhos identificamos atores negros nos papéis principais, de protagonistas ou antagonistas. [...]. Se na construção do personagem for destacado um tratamento estereotipado, recorrendo aos arquétipos da subalternidade na sociedade brasileira, aumenta a possibilidade de construção para o ator negro. De um modo geral, ao ator afro-brasileiro estão reservados os personagens sem, ou quase sem, ação, os personagens

¹ Estudante concluinte do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba. tinhodantas@gmail.com.

² A telenovela brasileira entra para o Guinness Book. Disponível em: <<http://tv.globo.com/programas/mais-voce/v2011/MaisVoce/0,,MUL479230-10345,00.html>>. Acesso em: 06 de agosto de 2013.

passageiros, decorativos, que buscam compor o espaço da domesticidade, ou da realidade das ruas, em especial das favelas. (ARAÚJO, 2004, p.308)

A novela *Viver a Vida* (2009) trouxe uma negra no papel principal. Taís Araújo foi a “Helena” de Manoel Carlos e primeira protagonista negra do horário nobre. A atriz que sempre se destacou nas novelas que participou, inclusive protagonizando a novela *Da Cor do Pecado* (2004), não conseguiu se destacar na história e com o tempo sua história que seria a principal passou a ser secundária.

Segundo Souza (*apud* SANTANA 2010, p.42), foi criado um grande alvoroço na imprensa em 2003 em torno da primeira protagonista negra do horário das 7 da noite. Taís Araújo protagonizou a novela que tinha como título: *Da Cor do Pecado*. A música de abertura era uma canção homônima que associava a cor negra a algo pecaminoso. A trama da novela trazia mais do mesmo, uma negra pobre que encanta um branco rico que inexplicavelmente, não consegue resistir à cor de sua pele. Personagens assim fazem alusão às narrativas fantasiosas de Gilberto Freyre sobre o processo de colonização no Brasil e do mito da democracia racial.

O nosso artigo narra um pouco da história da telenovela no Brasil, a presença do negro nas tramas, quase sempre em papéis secundários e tem o objetivo de analisar a cena do “acerto de contas” entre Helena (Taís Araújo) e Tereza (Lília Cabral) que aconteceu no capítulo 55 da novela *Viver a Vida* (2009). Vamos nos debruçar e identificar possíveis características de preconceito existentes na cena à luz de autores como Joly, Sodré, Araújo entre outros.

A TELENOVELA NO BRASIL

Nos anos 50, o empreendedor paraibano Assis Chateaubriand conseguiu realizar seu grande sonho; no dia 18 de setembro de 1950, acontecia a primeira transmissão televisiva no País. Mesmo com uma hora de atraso, foi ao ar um programa de variedades chamado *TV na Taba*, ao final do programa Lolita Rodrigues cantou o Hino da TV.

A apresentação do *TV na Taba* ficava a cargo de Homero Silva, além dele, Hebe Camargo, Lima Duarte, Mazzaropi entre outros. Todos eles com experiência no teatro ou na música.

A estrutura era ainda muito precária, as transmissões eram todas feitas ao vivo, com equipamentos escassos, difíceis de manipular e sujeitos a constantes panes. Os espaços eram bastante reduzidos [...] Essa limitação

resultava em longos intervalos, pois só era possível preparar um programa com o término do anterior. (BESERRA, 2007, p.02)

O nome dado ao primeiro canal de televisão do Brasil foi TV TUPI e esta, na primeira década foi líder absoluta de audiência com programas de auditório, noticiários como o Repórter Esso, que já tinha marcado época no rádio brasileiro, programas infantis como O Sítio do Pica-Pau Amarelo e a telenovela Sua Vida Me Pertence, primeira telenovela do País, famosa por ter apresentado o primeiro beijo da televisão brasileira. “Nesta primeira experiência, uma ousadia, um beijo tão ardente como os dos astros de Hollywood” (FERNANDES apud CAMPEDELLI, 1985, p.24)

Muitas novelas tiveram grande repercussão no Brasil, foram temas de debates na sociedade As primeiras telenovelas brasileiras, inclusive, transportaram do rádio não só a técnica, mas também seus atores, autores e diretores.

2-5499 Ocupado é o título da primeira telenovela diária do País, exibida pela TV Excelsior em 1963. Glória Menezes e Tarcísio Meira formaram o casal protagonista.

Em 1965 a sociedade brasileira se encantou pela telenovela O Direito de Nascer, original cubano de Felix Caignet, adaptado para a televisão por Teixeira Filho e Talma de Oliveira. Casamentos eram marcados depois das 22 horas, os leilões da época tinham como obrigação parar seus trabalhos na hora do evento para todos acompanharem a história de Mamãe Dolores e Albertinho Limonta. Também em 1965 na Excelsior foi ao ar aquela que é considerada a primeira superprodução do gênero: A Deusa Vencida de Ivani Ribeiro que também seria responsável pela primeira telenovela com texto totalmente brasileiro. Ambição, em 1966 que focava o cotidiano de uma família com seus acertos e desacertos, também obteve altos índices de audiência no país.

Ivani Ribeiro foi a responsável por trazer às telenovelas o estilo melodramático, a eterna briga entre o Bem e o Mal, entendido por grandes estudiosos como Décio de Almeida Prado, tradutor de uma obra clássica sobre o gênero de Paul Ginisty, como o estilo mais interessante nas telenovelas.

O segredo da popularidade do melodrama estava provavelmente na maneira como encarava e explicava as relações humanas, na simplicidade – ou simplicidade -, de suas concepções morais. O mal, para ele, não decorre das causas sociais, não possui raízes psicológicas complexas, não nasce da incompreensão, da neurose, do desencontro de opiniões ou de personalidades. Tem sempre forma concreta, personifica-se num indivíduo propositadamente mau: o tirano ou vilão. [...] A dificuldade, para as vítimas, consiste em desencavar a verdade sepultada sob várias camadas de mentira. (PRADO 1972, p. 87-8)

Entre 1965 e 1970, doze telenovelas de Ivani Ribeiro fizeram da TV Excelsior um grande laboratório de telenovelas, vários atores ficaram especializados em papéis de heróis e papéis de vilões, segundo Sodré (1977), explorando “o mesmismo,” criando a telegenia brasileira:

Na qualidade de integração da imagem no ambiente das relações familiares ou íntimas dos telespectadores. O rosto televisionado [...] não se pode permitir a valores de mistério, [...] se deseja provocar efeitos especificamente televisivos, isto é, o estabelecimento de relações afetivas com o telespectador. (SODRÉ, 1977, p. 65)

Enquanto Ivani Ribeiro seguia sua linha melodramática na TV Excelsior, a TV Globo insistia nos folhetins exóticos, o horário nobre supervisionado pela cubana Glória Magadan investiu em grandes superproduções, plagiadas ou baseadas em folhetins do século XIX, histórias de condes, príncipes, imperadores etc. Janete Clair, até então principiante foi responsável por dar continuação a uma dessas telenovelas: Anastácia, a mulher sem destino. A solução da autora foi causar um terremoto que eliminaria grande número dos personagens, por descuido, até os que conheciam o segredo da trama, a novela não foi um sucesso em audiência, mas a inovação feita por Janete fez com que ela permanecesse na TV Globo.

Paralelamente às histórias de Ivani Ribeiro e dos textos de Glória Magadan, nascem às telenovelas-alternativas por Lauro César Muniz e Bráulio Pedroso, que substituíam formas de expressões por maneiras mais coloquiais, novelas com um clima psicológico, ausente em qualquer produção feita anteriormente. O sucesso dessa nova vertente é alcançado em Beto Rockefeller, um ano inteiro em cartaz na TV Tupi.

A TV Globo adere ao novo gênero na dramaturgia e acrescenta outras inovações. Dias Gomes foi autor da maior parte dos textos revezando-se com Bráulio Pedroso e Jorge Andrade. Com a modernização das produções na década de 70, a TV Globo foi responsável pela ascensão de muitos autores.

A “Usineira dos Sonhos” como foi qualificada Janete Clair, por Carlos Drummond de Andrade, usava esse artifício em suas histórias, Janete Clair, pseudônimo de Janet Emmer Dias, não só ficou conhecida por incrementar as tramas globais, como também é considerada a melhor novelista de todos os tempos.

Tudo na Janete era simples. Nunca precisei fazer rodeios para discutir um assunto com ela, por mais dedicado que fosse. Tínhamos conversas fantásticas e algumas até metafísicas. Em O ASTRO – que começou cambaleante – ela me pediu para tirar da abertura uma imagem que representava o mal. A imagem saiu e a audiência da novela explodiu imediatamente. [...] Janete era um ser humano tão especial que sua ausência não tem como ser preenchida. É saudade demais. Saudade que se acentua a cada capítulo do livro, trazendo lembranças de histórias que fazem reviver a

Janete Clair com quem tive o prazer de trabalhar por muitos anos. (OLIVEIRA SOBRINHO, FERREIRA, 2003, p. 9-10).

Com a novela *Véu de Noiva* (1970), as novelas brasileiras deram adeus às extravagâncias. O cotidiano, a vida real foi mostrada como ela é, lógico com uma bela dose de conflitos vividos por Andréia, personagem de Regina Duarte.

Irmãos Coragem, telenovela de Janete Clair, consolidou de vez a hegemonia da TV Globo, em razão de seu grande sucesso. A novela trazia um elenco forte e uma história rural que prendia a atenção dos telespectadores. “Acho que foi a primeira vez que uma telenovela estourou de ponta a ponta no Brasil, atingindo índices fantásticos de audiência. Deu mais audiência que a final da Copa de 70, entre Brasil e Itália.” (REIS FILHO, 1988, p. 154).

A partir de *Selva de Pedra* (1972)³ e *Roque Santeiro* (1985)⁴ os grandes sucessos da teledramaturgia da TV Globo a sociedade brasileira passou a ligar determinadas telenovelas aos seus escritores, Janete Clair e Dias Gomes, por exemplo souberam fixar o padrão de fazer novelas da Globo em suas sucessivas telenovelas e esse padrão continuou a ser seguido por outros autores. Grandes parcerias como autor/diretor, autor/ator, por exemplo, foram e são mantidas até hoje.

Telenovelas ao modo de narrar de diretores como Daniel Filho e atores como Francisco Cuoco e Regina Duarte [...] Gilberto Braga [...] acompanhado com frequência pelo diretor Denis Carvalho e pelas atrizes Malu Mader e Cláudia Abreu (SOUZA et al, 2004, p. 12)

“Theodor Adorno comenta que a indústria cultural tem uma necessidade voraz da novidade para poder recriar continuamente a mesma coisa.” (COSTA LIMA apud CAMPEDELLI, 1978, p. 37). As telenovelas tiveram algumas mudanças, e estas foram necessárias por que a sociedade também se modificou com o passar dos anos, desde os anos 70, por exemplo, os homens passaram a prestar mais atenção nas histórias que eram contadas e elas passaram a incorporar elementos que prendessem mais a atenção dos homens em novelas de cunho rural, com algum teor erótico como *Gabriela* (1975).

Benedito Ruy Barbosa é especialista em novelas rurais. É dele o grande sucesso *Pantanal* (1990) da extinta Rede Manchete que tratava do cotidiano de muitos homens. Benedito sempre trata da vida no campo e atrai a audiência masculina, mas o público masculino por mais interesse que tenha em certa telenovela, não torna isso um compromisso diário.

³ Durante o capítulo 152, o índice de aparelhos sintonizados na novela chegou aos 100%.

⁴ Em 1975 a novela já tinha 10 capítulos editados e 30 escritos quando foi proibida pela Censura de ir ao ar na noite de sua estreia.

As telenovelas constituem a principal atividade de lazer da família brasileira, especialmente das mulheres, porque as novelas são produzidas tendo as mulheres como público-alvo. Hoje em dia, os homens também assistem, mas a ligação deles com a novela não é tão forte como a das mulheres. Eles não sentem que têm um compromisso com a novela como têm com o noticiário. (ALMEIDA, 2002, p.178)

Também alguns temas polêmicos são abordados nas telenovelas e durante o período de exibição da mesma, vem à tona ajudando a sociedade a conhecer mais determinado assunto. O autor Manoel Carlos inclui em suas histórias personagens bem complexos e com grande carga dramática, enfocando preconceitos e mobilizando a sociedade em diversas campanhas sociais, resultantes dos assuntos debatidos em suas histórias.

Ao contrário do que muita gente pensa, Helena não foi minha mãe, não é nenhuma filha, namorada ou ex-mulher. Helena nos remete à Helena de Tróia, da mitologia grega. Uma mulher forte, diferente, destemida, que faz sacrifícios incríveis, que é feliz e infeliz quase ao mesmo tempo. Uma mulher absolutamente atual.⁵ (ISTOÉ GENTE 2005)

O NEGRO NA TELENOVELA

Durante mais de 300 anos o Brasil viveu o período escravocrata. Até 1888, desde seu descobrimento, o país mantinha sua mão-de-obra escravizando desde índios a negros africanos.

Os negros eram trazidos da África para o Brasil em navios, as viagens eram longas, muitos escravos não suportavam as condições sub-humanas das viagens.

Todo escravo que ia ser embarcado era obrigado a dar voltas em torno de uma árvore: a Árvore do Esquecimento. Os escravos homens deviam dar nove voltas em torno desta. As mulheres sete voltas. Depois disso supunha-se que os escravos perdiam a memória e esqueciam seu passado, suas origens e sua identidade cultural para de tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou se rebelar (SERPOS apud RODRIGUES; TAUK SANTOS, 2012, p.02).

Nos vários anos de escravidão que assolou o Brasil os negros, que na maioria das vezes se rebelavam e não aceitava as condições que lhe eram impostas, fugiam, escondiam-se, formando novas sociedades: os quilombos. Essas novas sociedades tinham o apoio de outros escravos e dos seus defensores, chamados: abolicionistas.

Os quilombolas eram auxiliados pelos escravos da senzala que muitas vezes os escondiam quando eles faziam incursões aos engenhos. Esta solidariedade constante foi responsável pela prolongada vida dos quilombos os quais, à aproximação dessas expedições, já haviam se retirado do local (MOURA, 1981, p. 18).

⁵ Entrevista concedida por Manoel Carlos à jornalista Mariana Kalil da Revista Istoé Gente em 26 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoegente/319/entrevista/index.htm>> Acesso em: 23 de dezembro de 2012.

Setores da imprensa e o clamor dos abolicionistas foram muito importantes para a tão sonhada abolição da escravatura. A abolição resolveu um problema que assolava o Brasil e deu lugar a outros tantos, como por exemplo, o crescimento do racismo nas classes elitizadas:

Como se sabe, a abolição foi um processo lento, iniciado pela proibição do tráfico negreiro e caucionado pelo emprego de mão-de-obra imigrante. Curiosamente, desde um ano antes da assinatura da Lei Áurea e até o início da Primeira Grande Guerra, intensifica-se a entrada no país, com subsídios do Estado, de italianos, espanhóis, portugueses, japoneses e alemães. Os imigrantes não vinham agregar-se aos negros, mas tomar-lhes o lugar nas lavouras de café; vinham na verdade acalmar o medo que a elites urbanas e fundiárias tinham do indivíduo de pele escura. (SODRÉ, 1999 p.239)

Nossa teledramaturgia deu espaço para alguns personagens negros fazerem sucesso, foi o caso da Mamã Dolores de “O Direito de Nascer” interpretada por Isaura Bruno em 1964 na TV Tupi, a atriz deu vida a uma criada que cuidou com muito zelo do protagonista da história, apesar de não ser a protagonista, a personagem teve muito destaque e é lembrada até hoje, infelizmente não teve outros personagens de renome.

Para Santana (2010) atrizes como Camila Pitanga que tem orgulho de sua cor e se declara preta por ter pai preto representa uma pequena parcela da população. A atriz que já sofreu preconceito, falou do seu repúdio ao racismo em entrevista a Revista Veja (1998):

[...] É algo bastante incômodo e tão terrível quanto o mais puro preconceito. [...] Já me acostumei a ser parada nas ruas por pessoas que estranham o fato de a minha pele ser clara, meus traços finos e meu cabelo liso. Perguntam por que insisto em dizer que sou negra, sendo “tão bonitinha”. É um absurdo. [...] Alguns fãs escreveram e me disseram que não entendiam o fato de eu ter sido entrevistada por uma publicação dirigida para os negros. Repito: eu sou negra⁶ (VEJA, 1998).

É comum na maioria das novelas, o negro ter sempre papel secundário e de pouca expressão na história. A novela Viver a Vida foi uma das poucas que fugiu a regra.

O padrão brasileiro de relação social, ainda hoje dominante, foi construído por uma sociedade escravista, ou seja, para manter o ‘negro’ sob a sujeição do ‘branco’. Enquanto esse padrão de relação social não for abolido, a distância econômica, social e política entre o ‘negro’ e o ‘branco’ será grande, embora tal coisa não seja reconhecida de modo aberto, honesto e explícito. (FERNANDES et al apud SILVA 2011, p. 23).

Outros atores tiveram algum destaque em algumas poucas tramas, mas sem dúvida, a atriz Taís Araújo é recordista nesse quesito protagonizando quatro tramas: Xica da Silva (1996), Da Cor do Pecado (2004), Viver a Vida (2010) e recentemente Cheias de Charme (2012) onde deu vida à empregada doméstica Maria da Penha. A “empreguete” vivida por

⁶ Matéria dos jornalistas Rodrigo Cardoso e Laura Capriglione, publicada na Revista Veja em junho de 1998. Disponível em < http://veja.abril.com.br/240698/p_098.html > Acesso em 14 de janeiro de 2013.

Taís fez muito sucesso, a atriz construiu uma personagem “povão”. Segundo Maia; Alves; Amaral (2012) “Esta pode ser considerada a empregue que mais se aproxima do perfil construído socialmente da classe C”.

A TV Excelsior em 1969 apresentou a novela *Vidas em Conflito*, a primeira novela que tinha um núcleo negro importante na história. O autor tinha pretensões de discutir temas recorrentes à questão racial, mas não obteve êxito.

As explicações dadas pelo autor do script foram que o público reagia negativamente ao tema, através de cartas; que os atores negros não têm condições satisfatórias de representar. [...] O recurso foi eliminá-los através da alteração do enredo. (ARAÚJO, 2004, p.96)

Desde que interpretou o “Foguinho” na novela *Cobras e Lagartos* (2006), o ator Lázaro Ramos tem feito muito sucesso, com muito destaque em algumas tramas. Em *Insensato Coração* (2011) o ator deu vida a André Gurgel, um mulherengo convicto que causou estranheza no público por ser negro. O ator se defendeu das críticas em entrevista ao *Correio da Bahia*:

As críticas são naturais. A questão de padrão estético é ainda discutida no nosso país, [...] A maneira como eu lido é focando no meu trabalho e não reduzindo o meu personagem a uma rubrica. Eu não construo o André apenas como um galã. [...] Ele é arrogante, é um cara que atrai as mulheres e podia escolher a que ele quer, mas tem essa dificuldade emocional de lidar com o assunto família, então, foge dela. Eu trabalho ele com a complexidade que o personagem tem.⁷ (*Correio da Bahia*, 2011)

Para Araújo (2004) “De um modo geral, ao ator afro-brasileiro estão reservados os personagens sem, ou quase sem, ação, [...] que buscam compor o espaço da domesticidade, ou da realidade das ruas”. O pensamento de Araújo vai de encontro a ascensão da classe C que aconteceu nos últimos anos e que de certa forma contribuiu para os atores negros ganharem papéis melhores nas tramas.

A tendência ocorre no momento em que a presidente Dilma Rousseff anuncia cotas para negros no funcionalismo público e que o Ministério da Cultura propõe editais exclusivos para produtores negros. Tudo vem junto da ascensão da classe C, que tem 53% de negros e pardos, segundo o Instituto Datapopular.⁸ (FOLHA, 2012)

Os personagens de Camila Pitanga sempre conquistam o público. Segundo dados da *Folha de São Paulo* a atriz reinou na TV aberta em 2012, aparecendo em 7 mil inserções

⁷ Entrevista do ator Lázaro Ramos ao *Correio da Bahia* em 08 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-3/artigo/entrevista-lazaro-ramos-defende-a-complexidade-do-personagem-andre-em-insensato-coracao/>> Acesso em 15 de fevereiro de 2013.

⁸ Matéria de Alberto Pereira Jr. da *Folha de São Paulo* em 21 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/73055-acerto-de-cotas.shtml>> Acesso em 15 de fevereiro de 2013.

publicitárias ao longo do ano. Segundo Paiva (1999) o sucesso da atriz pode ser entendido, já que as telenovelas interferem na opinião do mundo real:

A ficção brasileira se distingue pela maneira como os discursos das personalidades políticas e com poder de decisão se infiltram no corpo da trama. As fronteiras entre ficção e realidade por vezes não são muito nítidas; a ficção é frequentemente povoada por personagens reais e exhibe traços da aparência visível da realidade brasileira (PAIVA apud SANTANA, 2010, p.39).

A NOVELA VIVER A VIDA

Com a novela *Viver a Vida* (2009), Manoel Carlos não obteve o mesmo sucesso de suas novelas anteriores.

Helena vivida por Taís Araújo, a primeira protagonista negra do horário nobre da Rede Globo é uma modelo de sucesso que mora no Rio de Janeiro. Ainda adolescente saiu de Búzios para morar na cidade maravilhosa e tornou-se uma modelo bem sucedida. É muito dedicada a família, mas muito invejada por colegas de profissão, principalmente por Luciana (Aline Moraes) que seria peça chave no maior drama que a personagem viveria no decorrer da novela. Sofria com os problemas vividos pela irmã mais nova, que mantinha um relacionamento com um marginal. Casou-se com Marcos (Jose Mayer), vinte anos mais velho e pai de Luciana. Porém, no final ficou com Bruno (Thiago Lacerda), que conheceu em Petra, na Jordânia (SANTANA, 2010).

A atriz Taís Araújo não conseguiu convencer os telespectadores, sua Helena não tinha um perfil forte, deixou muito a desejar em relação às Helenas de outras novelas do autor. O jornalista Wander Veroni (2009) deixa claro que a atriz não conseguiu “carregar” o posto de protagonista e com isso recebeu muitas críticas:

A Helena criada por Maneco não levanta a bandeira da cultura negra e, por isso, foi criticada por interpretar “uma branca”. Esse tipo de afirmação me dá “nó na garganta” e só reforça o preconceito velado que existe em nossa sociedade. [...] Seria a hora ideal para o Maneco colocar uma Helena firme, dona de si e determinada, [...]. A Helena virou a “Geni” de **Viver a Vida**, assim como a música de Chico Buarque. Todo mundo agora quer jogar uma pedra. Assim não dá! (VERONI, 2009)⁹

A maior diferença encontrada entre a Helena negra e as outras foi à falta de protagonismo. A personagem era superficial e artificial até no relacionamento com Marcos, que foi considerado um casamento sem paixão, sem emoção. Esse relacionamento tinha tudo

⁹ Publicado no blog Café com Notícias em novembro de 2009. Disponível em: <<http://cafecomnoticias.blogspot.com/2009/11/helena-personagem-da-novela-viver-vida.html>> Acesso em 16 de maio de 2013.

para ser o grande trunfo da novela, pois além de um relacionamento inter racial, existia uma grande diferença de idade. (SANTANA, 2010).

No quesito audiência a novela foi um desastre, “Viver a Vida” não conseguiu obter os mesmos índices alcançados por suas antecessoras. No período que esteve no ar, o drama de Helena não conseguiu prender a atenção da grande maioria dos telespectadores.

Viver a Vida, a atual das oito, tende a bater recorde negativo até seu final, previsto para maio. Com 120 capítulos já exibidos, registra média de 34,7 pontos na Grande São Paulo, abaixo de todas as novelas das oito apresentadas desde 2000, quando essas produções tinham o mesmo número de episódios (veja quadro acima). A obra de Manoel Carlos registra também a menor participação no total de televisores ligados: 55,1%. (CASTRO, 2010)¹⁰

Ainda sobre a história da novela, outro fator determinante que ofusca a história de Helena na trama, foi o merchandising social inserido na história através da cadeirante Luciana (Aline Moraes). Os dramas da modelo que sofre um acidente e fica tetraplégica, passa a dominar a história. Manoel Carlos em entrevista à jornalista Patrícia Villalba do jornal O Estado de S. Paulo, falou do destaque à superação de Luciana e defendeu a importância da onipresença da protagonista que segundo ele, está em todos os lugares.

A novela fala de superação. E a superação-símbolo da novela é a da Luciana. É natural que ela seja, portanto, o centro das atenções. O papel do protagonista não deve ser medido pela sua presença, mas pela sua onipresença, que é a presença em todos os lugares. E a Helena ocupa essa posição. Tudo se relaciona a ela, a começar pelo acidente com Luciana, que é o que deflagra a história que eu estou contando. Está lá nos dicionários: protagonista "é o personagem em torno do qual se constrói a trama". É a Helena, portanto. A Luciana é uma consequência, mas obviamente de imensa importância. (VILLALBA, 2010)¹¹

UMA ANÁLISE ACERCA DE VIVER A VIDA

Analisamos o capítulo 55 da novela *Viver a Vida* exibido no dia 16 de novembro de 2009, mais precisamente a cena que mostra o “acerto de contas” entre Tereza e Helena¹², respectivamente Lília Cabral e Taís Araújo. Tereza (Lília Cabral) culpa Helena (Taís Araújo), pelo acidente que deixou sua filha Luciana (Aline Moraes) tetraplégica. Helena é culpada, por que discutiu com Luciana, proibiu que ela viajasse no mesmo carro que ela, Luciana seguiu viagem de ônibus e sofreu o acidente.

¹⁰ Blog do Daniel Castro em fevereiro de 2010. Disponível em: < <http://noticias.r7.com/blogs/daniel-castro/viver-a-vida-tem-a-pior-audiencia-das-novelas-das-oito/2010/02/02/>> Acesso em 29 de maio de 2013.

¹¹ Entrevista concedida por Manoel Carlos à jornalista Patrícia Villalba do jornal O Estado de S. Paulo em janeiro de 2010. Disponível em: < <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,escrevo-como-se-desse-80-de-ibope,501367,0.htm>> Acesso em 29 de maio de 2013.

¹² Cena do capítulo 55 da novela *Viver a Vida*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=aYDBIus6Ejc>> Acesso em 22 de julho de 2013.

A cena tem duração de dez minutos e cinquenta segundos e se desenvolve no apartamento de Helena. No início da cena, a câmera mostra Helena andando em sua sala, até ela se deparar com Tereza entrando em seu apartamento (min 00:10).



Figura 1 Tereza chega ao apartamento de Helena

Helena fica sem palavras ao vê-la. Tereza diz que não quis ser anunciada e da logo a entender para ela sobre o teor da conversa. Ela começa a conversar e cobrar explicações de Helena que tenta intervir, mas Tereza pede calma e continua a falar. Tereza chora. Helena tenta interrompe-la durante duas vezes sem sucesso.

Tereza fala a respeito das aquisições conseguidas por Helena, inclusive fala sobre a superação do preconceito contra sua cor. (min 04:23).



Figura 2 Tereza fala sobre superação de preconceito

Helena começa a se desculpar e se explicar para Tereza, até se ajoelhar nos pés dela e pedir perdão. (min 09:24).



Figura 3 Helena se ajoelha nos pés de Tereza

Tereza dá uma bofetada na cara de Helena. (min10:18).



Figura 4 Tereza dá uma bofetada em Helena

Tereza diz que está devolvendo a bofetada que Helena deu em Luciana e sai do apartamento (min 10:17).



Figura 5 Tereza sai do apartamento

Helena sentiu na pele a humilhação. Entre outras coisas, Tereza lembrou que Helena tinha conseguido tudo que queria na vida e tinha vencido o preconceito contra sua cor. Em toda sequência de imagens percebemos que Helena se submete às duras acusações de Tereza, não é capaz de se defender e enfrenta-a de igual para igual. Colocando-se como oprimida diante de Tereza, Helena nos remete às diversas situações constrangedoras que os escravos passavam diante dos seus senhores.

Um dos motivos pelos quais elas podem parecer ameaçadoras é que estamos no centro de um paradoxo curioso: por um lado, vemos as imagens de uma maneira que nos parece totalmente “natural”, que aparentemente, não exige qualquer aprendizado e, por outro, temos a impressão de estar sofrendo de maneira mais inconsciente do que consciente a ciência de certos iniciados que conseguem nos “manipular”, afogando-nos com imagens em códigos secretos que zombam de nossa ingenuidade. (JOLY, 2012, p.10)

Podemos perceber através dessa sequência de imagens que a personagem negra não fugiu do papel de submisso que os negros ainda têm na maioria das novelas brasileiras.

A Helena negra é culpada por ter abortado, por ter casado com um homem branco e por não ter “cuidado” devidamente da enteada, numa relação que muito nos lembra mucama e sinhazinha. Ao que me parece, é muito difícil para a dramaturgia brasileira esconder este ranço ordinário da mentalidade escravocrata e racista.(BRITO, 2009)¹³

A título de comparação, a imagem a seguir da novela *Escrava Isaura* (2004)¹⁴, novela de época produzida pela Rede Record de televisão. Na imagem uma escrava no tronco é açoitada pelo capataz do seu dono.



Figura 6 Escrava no "tronco"

Mudando o contexto da época, e sabendo que ambas as imagens retratam negros sendo humilhados, podemos comparar a imagem da escrava sendo açoitada e a sequencia de imagens do “acerto de contas” entre Tereza e Helena. Joly (2012) comprova essa afirmação quando em seus estudos sobre a imagem, defende um ponto de ligação entre elas: “Material ou imaterial, visual ou não, natural ou fabricada, uma ‘imagem’ é antes de mais nada algo que se assemelha a outra coisa”. (JOLY, 2012, p.38).

Além da cena do “acerto de contas” da novela *Viver a Vida* ter mostrado um preconceito velado ainda existente na nossa sociedade, mais três situações de preconceito podem ser notadas na história.

Sodré (1999) identifica quatro formas em que o racismo midiático se manifesta: 1) através da negação da existência do racismo, exceto em casos explícitos de preconceito, ou conflitos raciais; 2) apagamento de aspectos e exemplos positivos da cultura negra, ignorando ou “embranquecendo” as contribuições desta etnia ao país; 3) estigmatização da cor escura da pele, atribuindo a esta identidades ou características que não estão de acordo com a realidade da maioria; e 4) criação de um estado de indiferença entre os

¹³ Post “A Helena negra posta ‘no seu lugar’”, publicado no blog Maria Frô em novembro de 2009. Disponível em: <<http://mariafro.com.br/wordpress/?p=1480>> Acesso em 30 de julho de 2013.

¹⁴ Cena da novela *Escrava Isaura*, exibida pela Rede Record de Televisão em 2004. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6FrihB6n7gI>> Acesso em 30 de julho de 2013.

profissionais da mídia permitindo que exista uma supressão da realidade étnica em prol de interesses econômicos comerciais. (COUTINHO apud SANTANA 2010, p.65)

Manoel Carlos “carregou” muito no drama de sua Helena. A personagem durante toda a novela sofreu e viveu por suas escolhas. A Helena de *Viver a Vida* é uma negra rica que não conseguiu quebrar preconceitos, sua “alma branca” prejudicou o desenrolar da personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o preconceito racial está arraigado na nossa sociedade e a telenovela brasileira cumpre o dever de entreter e informar os seus telespectadores. A telenovela tem um papel tão importante, que muitas vezes se sobressai ao que o autor propõe na sinopse da trama, como aconteceu com *Viver a Vida* que abriu um leque de discussões acerca do preconceito embutido sofrido pela Helena e da falta de protagonismo da mesma. Importante à academia se debruçar sobre esse tema para que novos autores e telespectadores tenham uma visão mais apurada sobre a discriminação racial ainda existente na sociedade. Cenas como a que analisamos nesse trabalho devem gerar reflexão e ser melhor compreendidas por parte da população para que a mídia não seja mais repetidora de preconceito. A escravidão é um símbolo de um país que lutamos para deixar para trás, e a mídia bem como os autores e diretores de novela devem fazer parte dessa luta, para quem sabe, assim, colaborar para uma construção de uma nova sociedade mais igualitária, onde o preconceito e a submissão façam parte apenas da história.

ABSTRACT

Some novels reconstruct the social every day's life. We assume that the stories downplay the importance of African descent in the contemporary storylines. We chose as a article's observation point a *Viver a Vida*'s scene, in which Helena, black's protagonist, is judged and humiliated by a white woman, a sequence of images generated discussions about racial intolerance that still exists in our country. Analyzing and comparing the images with a novel time we find nuances of prejudice in a society that still differs white and black. We use the theoretical framework of Joly (2012), Araujo (2010), Santana (2010) among others to support our study.

KEYWORDS: Novels, prejudice, black protagonist, *Viver a Vida*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Melodrama comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela**. Campinas, 2002. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000200008#end15>.

Acesso em: 10 de maio de 2013.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira**. 2.ed. São Paulo: Senac, 2004.

A telenovela brasileira entra para o Guinness Book. Disponível em:

<<http://tv.globo.com/programas/mais-voce/v2011/MaisVoce/0,,MUL479230-10345,00.html>>.

Acesso em: 06 de agosto de 2013.

BESERRA, Larissa Santos. **Televisão e família: Estudo sobre a (re)organização das famílias pessoenses em face da segmentação televisiva**. Revista Eletrônica Temática. [on-line]. Edição 1. João Pessoa: INSITE UNIVERSITÁRIO, 2007, agosto 2007. Disponível na Internet:

<<http://www.insite.pro.br/2007/34.pdf>>

Blog do Daniel Castro em fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/daniel-castro/viver-a-vida-tem-a-pior-audiencia-das-novelas-das-oito/2010/02/02/>> Acesso em 29 de maio de 2013.

CAMPEDELLI, Samira Youself. **A TELENOVELA**. São Paulo: Ática, 1985.

Cena do capítulo 55 da novela Viver a Vida. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=aYDBIus6Ejc>> Acesso em 22 de julho de 2013.

Entrevista do ator Lázaro Ramos ao Correio da Bahia em 08 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-3/artigo/entrevista-lazaro-ramos-defende-a-complexidade-do-personagem-andre-em-insensato-coracao/>> Acesso em 15 de fevereiro de 2013.

Entrevista concedida por Manoel Carlos à jornalista Mariana Kalil da Revista Istoé Gente em 26 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoegente/319/entrevista/index.htm>> Acesso em: 05 de novembro de 2010.

Post “A Helena negra posta ‘no seu lugar’”, publicado no blog Maria Frô em novembro de 2009. Disponível em: <<http://mariafro.com.br/wordpress/?p=1480>> Acesso em 30 de julho de 2013.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Editora 77, 2007.

MAIA, Alexandre; ALVES, Klenny; AMARAL, Liana. **Classe Cheia de Charme: as empreguetes e o consumo da classe C**. Fortaleza: Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais No XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza CE, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1184-1.pdf>>. Acesso em: 24 de Janeiro de 2014.

Matéria de Alberto Pereira Jr. da Folha de São Paulo em 21 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/73055-acerto-de-cotas.shtml>> Acesso em 15 de fevereiro de 2013.

Matéria dos jornalistas Rodrigo Cardoso e Laura Capriglione, publicada na Revista Veja em junho de 1998. Disponível em <http://veja.abril.com.br/240698/p_098.html> Acesso em 14 de janeiro de 2013.

MOURA, Clóvis de. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática, 1987.

NASCIMENTO, Flávio Antônio da Silva. **O Beabá do Racismo contra o negro brasileiro: Subsídio didático para Estudantes Universitários, Educadores, Professores, Formadores de Opinião e Militantes**. Rondonópolis: Print Editora, 2010.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio; FERREIRA, Mauro. **NOSSA SENHORA DAS OITO: Janete Clair e a evolução da telenovela no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PRADO, Décio de Almeida. **O Triunfo do Melodrama**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

Post “A Helena negra posta ‘no seu lugar’”, publicado no blog Maria Frô em novembro de 2009. Disponível em: <<http://mariafro.com.br/wordpress/?p=1480>> Acesso em 30 de julho de 2013.

Publicado no blog Café com Notícias em novembro de 2009. Disponível em: <<http://cafecomnoticias.blogspot.com/2009/11/helena-personagem-da-novela-viver-vida.html>> Acesso em 16 de maio de 2013.

REIS FILHO, Daniel. **Antes que me Esqueçam**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

RODRIGUES, Alfredo Sotero Alves; TAUK SANTOS, Maria Salett. **Troias Negras: Reconversão Cultural e Parcerias dos Quilombolas Históricos: Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza CE, 2012**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0786-1.pdf>>. Acesso em: 02 de março de 2013.

SANTANA, Juliana Mendes. **A representação da mulher negra na teledramaturgia brasileira: um olhar sobre A Helena negra de Manoel Carlos**. Monografia (bacharelado em Comunicação Social). Instituto de Educação Superior de Brasília. Brasília, 2006

SILVA, Adriana dos Reis. A Perspectiva Racial em Telenovelas Brasileiras: Uma análise do preconceito de cor sob o viés enunciativo. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, Goiás, v. 03, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/72.pdf>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2013.

SODRÉ, Muniz. **CLAROS ESCUROS: Identidade, povo e mídia no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1999.

SODRÉ, Muniz. **O MONOPÓLIO DA FALA: função e linguagem da televisão no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1977.

SOUZA, Maria Carmem Jacob de et al. **ANALISANDO TELENÓVELAS**. São Paulo: E-papers, 2004.